

política

Bolsonaro será um candidato antivacina?

Discurso anti-vaxxer dos bolsonaristas não é só ideologia

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

A oposição de Bolsonaro à vacinação foi um fracasso político. A população foi se vacinar assim que teve a oportunidade. Continua indo, feliz da vida. Pesquisa recente do Datafolha mostrou que a maioria dos brasileiros acha que Bolsonaro “mais atrapalha do que ajuda” na vacinação de crianças.

Segundo o podcast “Papo de Política” da última semana, esse fato não passou despercebido em Brasília. Lideranças do centrão estão pe-

dindo que Bolsonaro deixe de se opor à vacinação se quiser ser reeleito.

Faria sentido, e não só por questão de popularidade. O ex-presidente americano Donald Trump, por exemplo, defende a vacinação por um motivo simples: são os eleitores republicanos que estão morrendo por se recusarem a se vacinar.

Mas não vai ser fácil. Bolsonaro provou, por palavras e atos, que é um dos principais anti-vaxxers do mundo. Mesmo para um político profissi-

onal no nível moral tão baixo, não é fácil mudar de posição tão rápido sobre uma questão de vida ou morte.

Bolsonaro recusou-se a comprar vacinas que teriam salvado uma proporção grande, que mal começou a ser calculada, dos brasileiros mortos na pandemia.

Quando, ainda na fase de testes da vacina, um voluntário se suicidou, Bolsonaro declarou “mais uma que Jair Bolsonaro ganha”. Em suas lives semanais, celebrou noti-

cias falsas sobre vacinas, inclusive a de que elas causariam Aids. Nas redes bolsonaristas, extremistas como Bia Kicis divulgam protestos antivacinas ao redor do mundo com entusiasmo.

O discurso anti-vaxxer de Bolsonaro tem uma função. A cada notícia, falsa ou verdadeira, de efeito adverso das vacinas, os bolsonaristas veem uma chance de minimizar o crime de não as terem comprado, causando o maior assassinato em massa da história republicana brasileira.

No começo de abril de 2021, uma análise do economista Tomas Conti mostrou que 80% das vacinas aplicadas no Brasil ainda eram a Coronavac de João Doria e do Butantan. Maio de 2021 foi o primeiro mês em que a Coronavac do Doria não foi a vacina mais aplicada no Brasil.

Está documentado, portanto, que Bolsonaro deixou o Brasil sem vacina quando chegou a segunda onda da Covid, que matou o dobro de brasileiros da primeira. Por causa dele, mais de dois terços das mortes por Covid no Brasil aconteceram quando já havia vacina.

Por isso, o discurso anti-vaxxer dos bolsonaristas não é só ideologia, não é só discurso para a campanha; os bolsonaristas temem ir para a cadeia se seu crime for julgado. Buscam desesperadamente argu-

mentos anti-vaxxers que possam utilizar como atenuantes em um tribunal.

Quando os ministros Damares Alves e Marcelo Queiroga, depois de dois anos ignorando as UTIs lotadas e as famílias de luto, foram a Botucatu visitar uma jovem que sofreu parada cardíaca após ter sido vacinada, estavam comemorando a descoberta de um alibi.

“Vejam”, diriam, “Nós não compramos vacinas porque elas matam crianças”. Não funcionou. A jovem sobreviveu e os médicos constataram que não foi a vacina que causou sua parada cardíaca.

Por isso não é fácil para Bolsonaro deixar de ser o candidato anti-vaxxer. Se Bolsonaro deixar de mentir que vacinas matam, vai ter que admitir que matou muita gente por não as ter comprado quando teve a chance.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli



Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo, que morreu em janeiro | Vivi Zanatta-6.out.2017/Folhapress

Olavo deixa vácuo na direita, e ex-alunos divulgam suas ideias

Morte alçou ideólogo bolsonarista a patamar celestial entre ‘olavetes’

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Entre os seus, Olavo de Carvalho até que era um cara doce. Colocava metade de açúcar, metade de café nas xícaras que entornava durante o curso que dava de sua casa na Virginia (EUA), “o único que pode ajudar você a praticar a filosofia em vez de apenas repetir o que outras pessoas, ilustres o quanto se queira, disseram a respeito dela”.

Pouco edulcorada, contudo, era a oratória de “um dos maiores pensadores da história do nosso país”, em palavras do presidente Jair Bolsonaro que tão bem condensam a mentoria intelectual que a chamada nova direita encontrou no homem que praguejava contra o marxismo cultural antes de virar modinha.

A morte de Olavo, no fim do mês passado, o alçou a um patamar celestial entre seus “olavetes”, e a campanha para que ele seja canonizado provoca soluções de vida real nessa metáfora.

Por outro lado, deixou um vácuo ainda a ser preenchido no pensamento extremista. Não há herdeiros óbvios do

espólio olavista. Muitos ex-alunos se ocupam de difundir as ideias de seu mestre, sem que apontem um substituto natural para ele.

Os pitacos do autor do best-seller “O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser um Idiota” ressoaram primeiro no coração do deputado Eduardo Bolsonaro e depois na presidência de seu pai.

A primeira equipe de Esplanada de Bolsonaro contou com dois discípulos de Olavo, Ricardo Vélez Rodríguez (Educação) e Ernesto Araújo (Relações Exteriores). Também pelo MEC passou Abraham Weintraub, que no fim de 2021 defendeu o ex-professor de fogo amigo.

Olavo acusou Bolsonaro de usar como “poster boy” para se eleger, daí atrair para si a fúria de seguidores do presidente. “Professor Olavo traidor? Comunista? Precisa ser destruído? Vocês estão loucos?”

Os mosqueteiros do guru de Virginia estão por toda parte. No Congresso tem Filipe Barros, Bia Kicis e Carlos Jordy. Também deputada, Carla Zambelli traça um “antes e depois” de Olavo. “Não há subs-

tituto para quem tenha um legado deste tamanho.”

Das redes sociais vêm o foragido Allan dos Santos, do site Terça Livre, e o youtuber católico Bernardo Kuster.

A Brasil Paralelo, produtora audiovisual conservadora, divulgou na quarta (2) um “in memoriam” que beira a hagiografia. De quebra, resgata episódios curiosos da trajetória de Olavo — como sua temporada comunista, nos anos 1960, quando morou com os futuros petistas José Dirceu e Rui Falcão na Casa dos Estudantes.

O pelotão olavista no governo é encabeçado por Filipe Martins, o assessor de assuntos internacionais que, um ano atrás, reproduziu no Senado um gesto associado a supremacistas brancos — três dedos esticados que simbolizariam o “w” de “white” (branco), e um círculo feito com indicador e polegar, formando o “p” de “power” (poder). Poder branco.

Absolvido por um juiz, Martins sempre negou que a intenção tenha sido essa.

Outros pupilos que engrossam o Executivo federal: Car-

los Nadalim, chefe da secretaria de Alfabetização, e André Porciuncula, encarregado de gerenciar recursos da Lei Rouanet.

Para Josias Teófilo, o cineasta que biografou Olavo em “O Jardim das Aflições”, o professor não deu frutos apenas à direita.

“Todos esses intelectuais de esquerda que atuam publicamente estão usando Olavo como modelo. Ele fez algo que ninguém nunca fez: ser um intelectual totalmente sem intermediários. Não precisa de editora, de jornal. Já escreveu pra Folha, pro Globo. Dispensou isso tudo e mesmo assim foi relevante, entende?”

Teófilo acompanhou aulas presenciais de Olavo, em 2015. “Quase uma meditação”, resume. “Ele não preparava as aulas e não deixava que a gente ficasse andando, tirando foto, porque isso o desconcentrava.”

Mais alunos foram chegando, a maioria com participação virtual. Teófilo calcula que ao menos 20 mil passaram pelo COF (Curso Online de Filosofia).

Marco Feliciano foi um de-

les. Mais tarde, o deputado viajou aos EUA para conhecer o católico fervoroso que, em 2020, enfureceu pastores ao dizer que “tudo o que acontece de mau no Brasil” vem de “uma ou várias” instituições, inclusive igrejas evangélicas. Na época, chegou a ser achincalhado — “AstrOlavo de Carvalho” — por seu gosto por astrologia, ofício pago para esse segmento religioso.

Olavo mostrou seu arsenal de rifles e desarmou o aprendiz. Feliciano foi chamado de burro por Olavo e, anos depois, concordou com ele.

“Ele me atacou em vídeos, no episódio da Comissão de Direitos Humanos [o pastor entrou em atrito com ativistas após ser eleito presidente da comissão, em 2013]. Disse que eu era despreparado. Fui ouvir o que ele falava. Eu não conhecia a esquerda profundamente. Ele estava com toda razão.”

“Olavo tem razão” é um mantra entre assecas.

“Quando houver no Brasil uma direita organizada, com certeza Olavo será para ela um ícone, muito mais do que foi Paulo Freire para a esquerda. Não era perfeito, mas quem sabia separar as espinhas da carne do peixe aprendia muito”, afirma Feliciano.

Para Ronald Robson, doutorando em teoria e história literária na Unicamp convocado por Olavo a transformar seus ensinamentos em livros, o polemista será “uma figura tão central quanto foi Gilberto Freyre no século 20”.

Só não vê sentido em com-

parar sua influência na direita com a do educador na esquerda. “Olavo jamais será institucionalizado como um Paulo Freire. Deus o livre dessa desonra póstuma.”

Após problemas de saúde, Olavo trocou o cigarro por um cachimbo que, segundo o próprio, lhe deu um “sex appeal geriátrico”. Ainda resta dissipar a fumaça que paira sobre o futuro do olavismo agora que seu prócer se foi.

Um dos temas mais caros a Olavo: uma suposta investida marxista para dominar a cultura ocidental e a corroer por dentro.

Também tinha problemas com o globalismo. Já escreveu que o livre comércio era usado para fulminar “soberanias nacionais e construir sobre suas ruínas um onipotente Leviatã universal”.

“Quanto aos ‘expoentes do olavismo’, eles simplesmente não existem no debate público ainda”, afirma Robson.

“As pessoas que estão se esforçando para levar a filosofia do Olavo adiante são ilustres desconhecidos, entre os quais me incluo. É bom que permaneçamos assim, sem nos distrair com a política do dia.”

Olavo tinha seus prediletos, nem sempre habitués do mainstream bolsonarista.

O escritor e tradutor Pedro Sette-Câmara, aluno das antigas, “escreve coisas muito boas no Instagram”, segundo Teófilo.

“Não admira que a direita tenha pouca expressão cultural, e, mesmo tendo eleito um presidente da República, não consiga eleger um presidente de grêmio de escola. Ela quer se fechar dentro da bolha blindada”, afirma Sette-Câmara num post que intitulou “A ‘Guerra Cultural’ É Para Idiotas”.

Stella Caymmi, neta de Dorival que organizava alguns de seus cursos, também era próxima.

O historiador Murilo Cleto, que pesquisa a nova direita, diz que até no seu método de ensino Olavo “era reacionário”.

“Enquanto a educação formal vinha passando por uma série de transformações para tornar as aulas mais atraentes, tomando o professor mais como mediador do que dono do conhecimento, ele encarnava a figura do professor sabatudo, vivendo de monólogos autocentrados.”

“Exagerava nos adjetivos, nos palavões, nas teorias conspiratórias para ilustrar seu argumento”, diz.

“Mas Olavo era muito hábil em mexer com o ódio de estudantes por algum motivo ressentidos com a universidade e eventualmente mais propensos à radicalização.”

Resta aos olavetes, agora, fazer o dever de casa.

Colaborou Fábio Zanini